



NOSTRA AETATE – VATICANO II: 60 anos de diálogo judaico-cristão

NOSTRA AETATE – VATICAN II: *60 years of Jewish-Christian dialogue*

NOSTRA AETATE – VATICANO II: *60 años de diálogo judeo-cristiano*

Maria Lúcia Guilherme *

Universidade de São Paulo.
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
São Paulo, SP, Brasil.
E-mail: marchi.malucia@gmail.com
ORCID: [0000-0001-8083-4221](https://orcid.org/0000-0001-8083-4221)

Saul Kirschbaum *

Universidade de São Paulo.
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
São Paulo, SP, Brasil.
E-mail: saul.kirschbaum@gmail.com
ORCID: [0000-0002-9509-7241](https://orcid.org/0000-0002-9509-7241)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a importância do artigo 4º da Declaração *Nostra Aetate* e sua influência nos rumos do diálogo entre cristãos e judeus. Ela é um dos documentos resultantes do Concílio Ecumênico Vaticano II, ocorrido entre 1962 e 1965, que propõe uma aproximação entre cristãos e judeus através do diálogo. Esta proposta reverte a posição da Igreja Católica em relação aos judeus no período que envolveram os Concílios Ecumênicos desde o primeiro ocorrido em Niceia em 325. Neste artigo, pretende-se avaliar, a partir de documentos publicados posteriormente à declaração se, passados 60 anos, sua recepção foi aceita e efetivada. Nossos pressupostos teóricos para esta análise estão pautados nos conceitos de dialogismo e polifonia segundo o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin. Como resultado, apresentamos algumas figuras chaves entre judeus e cristãos que participaram ativamente para que este documento fosse pautado e aprovado e seu engajamento posterior na tentativa de implementá-lo. Algumas publicações serão registradas como resultado deste engajamento e apresentaremos a conclusão de que esse período, apesar de apontar significativa mudança, não foi suficiente para que este diálogo fosse efetivado de forma mais ampla.

Palavras-chave: Concílio Vaticano II; *Nostra Aetate*; Relações entre católicos e judeus; Diálogo inter-religioso.

ABSTRACT

*This article aims to present the importance of Article 4 of Declaration *Nostra Aetate* and its*

* Mestre em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

* Doutor em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

influence on the direction of dialogue between Christians and Jews. It is one of the documents resulting from the Second Vatican Ecumenical Council, held between 1962 and 1965, which proposes a rapprochement between Christians and Jews through dialogue. This proposal reverses the position of the Catholic Church in relation to the Jews in the period of sixteen centuries that involved the previous Ecumenical Councils since the first one held in Nicaea in 325. This article aims to evaluate, based on documents published after the declaration, whether, after 60 years, this proposal was accepted and implemented. Our theoretical assumptions are the concepts involving dialogism according to the philosopher of language Mikhail Bakhtin. As a result, we present some key figures among Jews and Christians who actively participated in the agenda and approval of this document and their subsequent engagement in the attempt to implement it. Some publications will be recorded as a result of this engagement and we will present the conclusion that this period, despite indicating significant change, was not sufficient for this dialogue to be carried out more broadly.

Keywords: Second Vatican Council; *Nostra Aetate*; Relations between Catholics and Jews; Interreligious dialogue.

RESUMEN

*Este artículo tiene como objetivo presentar la importancia del artículo 4 de la Declaración *Nostra Aetate* y su influencia en la dirección del diálogo entre cristianos y judíos. Es uno de los documentos resultantes del Concilio Ecuménico Vaticano II, celebrado entre 1962 y 1965, que propone un acercamiento entre cristianos y judíos a través del diálogo. Esta propuesta invierte la posición de la Iglesia católica en relación con los judíos en el período de los Concilios Ecuménicos desde el primero que tuvo lugar en Nicaea en el año 325. En este artículo pretendemos evaluar, a partir de documentos publicados después de la declaración, si, después de 60 años, su recepción fue aceptada y efectuada. Nuestros supuestos teóricos para este análisis se basan en los conceptos de dialogismo y polifonía según el filósofo del lenguaje Mikhail Bakhtin. Como resultado, presentamos algunas figuras clave entre judíos y cristianos que participaron activamente en la redacción y aprobación de este documento y su posterior compromiso en el intento de implementarlo. Como resultado de este compromiso dejaremos algunas publicaciones y presentaremos la conclusión de que este período, a pesar de mostrar cambios significativos, no fue suficiente para que este diálogo se llevara a cabo de manera más amplia.*

Palabras Clave: Concilio Vaticano II; *Nostra Aetate*; Relaciones entre católicos y judíos; Diálogo interreligioso.

1 INTRODUÇÃO

O século XX foi marcado por grandes mudanças nas relações entre cristãos e judeus. A Igreja Católica, desde o Concílio de Niceia em 325, registrou a imposição de um distanciamento na convivência entre pessoas envolvidas por estas duas tradições. Foram dezesseis séculos em que judeus e cristãos se viram obrigados a se distanciar; e, sob a ação de movimentos ligados à Igreja, como as Cruzadas e as Inquisições, os judeus sofreram perseguições que resultaram em milhares de mortes.

Com a chegada da modernidade, consequência da Revolução Industrial ocorrida no século XVIII da era comum, que resultou na substituição da visão teocêntrica do mundo até então em voga por uma nova visão antropocêntrica, a Igreja viu-se obrigada a abrir-se para o homem moderno. Depois da tragédia sofrida pelos judeus durante a Segunda Guerra

Mundial, com o Holocausto, era iminente para a Igreja Católica responder a questionamentos deste novo homem que se apresentava. A resposta veio com a proposta de um Concílio Ecumênico que, em meio a outras tantas demandas, traria, perpassando por muita polêmica, sua mudança de posição em relação aos judeus. Este histórico será desenvolvido na segunda seção deste artigo.

A resposta a que nos referimos no parágrafo anterior veio em forma de um dos documentos finais do Concílio Vaticano II, publicado em 1965, chamado de *Nostra Aetate*. Este documento é uma declaração da Igreja Católica onde, pela primeira vez depois de séculos, é aberto um canal de diálogo com religiões não cristãs. Dentro dela, há um texto direcionado ao judaísmo ao qual nomeamos como artigo 4º. Esta declaração traz a sugestão da utilização do diálogo como forma de aproximação entre cristãos e judeus e a apresentamos e, em parte, a analisamos seguindo pressupostos teóricos do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin sobre polifonia e dialogismo na primeira seção.

Na terceira seção, ao escutarmos as vozes que encontramos presentes no texto, desvendamos algumas que fizeram parte do processo de elaboração da *Nostra Aetate* e que, como resultado de pesquisa, encontram-se documentadas. Tentaremos verificar se tais vozes continuam ou não ecoando durante estes sessenta anos pós Concílio Vaticano II.

Como considerações finais, traremos uma reflexão sobre os textos publicados tanto por cristãos quanto por judeus que, enquanto discursos, trazem a posição de seus autores frente às possibilidades de mudanças abertas para as relações entre judeus e cristãos como resultado do discurso da Igreja Católica ocorrido no Concílio.

2 APRESENTAÇÃO E APRECIAÇÃO DA DECLARAÇÃO *NOSTRA AETATE*

Findado o Concílio Ecumênico Vaticano II, que aconteceu entre os anos de 1962 e 1965, vários documentos foram publicados. Dentre eles havia uma declaração da Igreja Católica referindo-se às religiões não cristãs. Fazia parte desta declaração o item 4 que se intitulava: *a religião judaica*.

Esta declaração é composta por oito parágrafos e, ao que tudo indica, seria a porta-voz da Igreja Católica como um discurso monofônico, de uma só voz: a da Igreja Católica.

Tendo como base ideias de Mikhail Bakhtin (Oriol, 1895 – Moscou, 1975), filósofo da linguagem e pensador russo, e seu círculo de estudos, a respeito de polifonia, onde diversas

vozes ocupam o espaço do discurso em um movimento dialógico¹, analisamos o texto da *Nostra Aetate*, artigo 4º, em busca de elementos que nos indicassem outras possíveis vozes existentes no texto. Ao mesmo tempo procuramos entender com quais outros textos, este artigo da *Nostra Aetate*, poderia estar dialogando.

Registraremos a seguir, nossas observações, transcrevendo na íntegra o artigo 4º, *A religião judaica* da Declaração, conforme se apresenta, e onde destacaremos apenas as possibilidades que surgem para conexões com outras vozes².

No primeiro parágrafo da Declaração, a Igreja Católica, em nome do Concílio, marca a presença de sua voz dentro da narrativa e abre a possibilidade de diálogo com textos do passado histórico teológico a partir de palavras como *sagrado* e *Abraão*, conforme podemos observar:

Sondando o mistério da Igreja, este *sagrado Concílio* recorda o vínculo com que o povo do Novo Testamento está espiritualmente ligado à *descendência de Abraão* (Vaticano II, *Nostra Aetate*, art. 4º §1, 1965, grifo nosso).

No segundo parágrafo, são citados povos ou grupos que ocupam o mesmo espaço teológico: *todos os cristãos*, *povo escolhido*, *os gentios*, *os judeus*, como constatamos a seguir:

Com efeito, a Igreja de Cristo reconhece que os primórdios da sua fé e eleição já se encontram, segundo o mistério divino da salvação, nos patriarcas, em Moisés e nos profetas. Professa que *todos os cristãos*, filhos de Abraão segundo a fé (6), estão incluídos na vocação deste patriarca e que a salvação da Igreja foi misticamente prefigurada no êxodo do *povo escolhido* da terra da escravidão. A Igreja não pode, por isso, esquecer que foi por meio desse povo, com o qual Deus se dignou, na sua inefável misericórdia, estabelecer a antiga Aliança, que ela recebeu a revelação do Antigo Testamento e se alimenta da raiz da oliveira mansa, na qual foram enxertados os ramos da oliveira brava, *os gentios* (7). Com efeito, a Igreja acredita que Cristo, nossa paz, de ambos fazendo um só, em Si mesmo (8). Reconciliou pela cruz *os judeus* e *os gentios* (Vaticano II, *Nostra Aetate*, art. 4º, § 2, 1965, grifo nosso).

No terceiro parágrafo, o texto nomeia o povo com o qual a Igreja quer dialogar: povo judaico, como segue:

¹ O Movimento dialógico para Mikhail Bakhtin é o espaço onde vozes distintas podem habitar, sendo pessoas, textos ou ideias. O enunciado do discurso conversa com outros textos, podendo estes estarem no presente, passado ou futuro.

² Uma análise mais detalhada do texto completo da *Declaração Nostra Aetate* encontra-se na dissertação disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8163/tde-22012024-160005/fr.php>

Também tem sempre diante dos olhos as palavras do Apóstolo Paulo a respeito dos seus compatriotas: «deles é a adopção filial e a glória, a aliança e a legislação, o culto e as promessas; deles os patriarcas, e deles nasceu, segundo a carne, Cristo» (Rom. 9, 4-5), filho da Virgem Maria. Recorda ainda a Igreja que os Apóstolos, fundamentos e colunas da Igreja, nasceram do *povo judaico*, bem como muitos daqueles primeiros discípulos, que anunciaram ao mundo o Evangelho de Cristo (Vaticano II, *Nostra Aetate*, art. 4º, § 3, 1965, grifo nosso).

No quinto parágrafo, reconhece-se a existência de *tão grande o patrimônio espiritual comum aos cristãos e judeus* e fica clara a intenção do documento da *Nostra Aetate*, que é promover estudos e diálogos entre cristãos e judeus, o que destacamos a seguir:

Segundo o testemunho da Sagrada Escritura, Jerusalém não conheceu o tempo em que foi visitada (9); e os judeus, em grande parte, não receberam o Evangelho; antes, não poucos se opuseram à sua difusão (10). No entanto, segundo o Apóstolo, os judeus continuam ainda, por causa dos patriarcas, a ser muito amados de Deus, cujos dons e vocação não conhecem arrependimento (11). Com os profetas e o mesmo Apóstolo, a Igreja espera por aquele dia, só de Deus conhecido, em que todos os povos invocarão a Deus com uma só voz e «o servirão debaixo dum mesmo jugo» (Sof. 3,9) (12).

Sendo assim *tão grande o patrimônio espiritual comum aos cristãos e aos judeus*, este sagrado Concílio quer fomentar e recomendar entre eles o mútuo conhecimento e estima, os quais se alcançarão sobretudo por meio dos estudos bíblicos e teológicos e com os diálogos fraternos (Vaticano II, *Nostra Aetate*, art. 4º, § 4-5, 1965, grifo nosso).

No sétimo parágrafo, como registrado a seguir, a Igreja declara que foi lembrada de seu patrimônio com os judeus, mas não declara por quem. É por esta fenda que passamos com o objetivo de identificar de quem é a voz ou vozes que estão subentendidas.

Ainda que as autoridades dos judeus e os seus sequazes urgiram a condenação de Cristo à morte (13) não se pode, todavia, imputar indistintamente a todos os judeus que então viviam, nem aos judeus do nosso tempo, o que na Sua paixão se perpetrou. E embora a Igreja seja o povo de Deus, nem por isso os judeus devem ser apresentados como reprovados por Deus e malditos, como se tal coisa se concluisse da Sagrada Escritura. Procurem todos, por isso, evitar que, tanto na catequese como na pregação da palavra de Deus, se ensine seja o que for que não esteja conforme com a verdade evangélica e com o espírito de Cristo.

Além disso, a Igreja, que reprova quaisquer perseguições contra quaisquer homens, *lembra do seu comum patrimônio com os judeus*, e levada, não por razões políticas, mas pela religiosa caridade evangélica, deplora todos os ódios, perseguições e manifestações de antisemitismo, seja qual for o tempo em que isso sucedeu e seja quem for a pessoa que isso promoveu contra os judeus (Vaticano II, *Nostra Aetate*, art. 4º, § 6-7, 1965, grifo nosso).

No último parágrafo, destaca-se que a Igreja retira indiretamente a acusação de deicida que foi imposta aos judeus por séculos e que, em algumas mentes, perdura até os dias atuais, como apresentado abaixo:

De resto, como a Igreja sempre ensinou e ensina, *Cristo sofreu, voluntariamente e com imenso amor, a Sua paixão e morte pelos pecados de todos os homens, para que todos alcancem a salvação*. O dever da Igreja, ao pregar, é, portanto, anunciar a cruz de Cristo como sinal do amor universal de Deus e como fonte de toda a graça (Vaticano II, *Nostra Aetate*, art. 4º, § 8, 1965, grifo nosso).

2.1 Diálogo com o contexto histórico

O Concílio Vaticano II, evento da Igreja Católica ocorrido entre os anos de 1962 e 1965, teve como registro resultante de suas discussões: quatro constituições, três declarações e nove decretos que se encontram disponíveis no site oficial do Vaticano em várias línguas³. Dentre as declarações, encontra-se uma que se refere às relações da Igreja Católica com as religiões não cristãs. Este documento é de grande relevância pois funciona como sinalização de que a Instituição da Igreja Católica se movimenta em direção a uma nova trajetória em suas relações com comunidades de outras crenças ou tradições religiosas.

Como parte desta declaração, há um *item* dedicado à religião judaica que nomeamos como artigo 4º, o que já foi esclarecido na Introdução. Trata-se de um conjunto de oito parágrafos onde a Igreja declarou reconhecer os judeus como povo escolhido por Deus e apontou estudos e diálogos fraternos como caminho para reverter séculos de distanciamento nas relações entre cristãos e judeus.

A análise do discurso da Igreja Católica dentro do documento *Nostra Aetate*, que compõe os documentos finais do Concílio Vaticano II, feito através das ideias de dialogismo e polifonia de Mikhail Bakhtin - onde diferentes vozes dialogam em diferentes espaços e tempos através de outros textos - nos levou ao primeiro Concílio Ecumênico da Igreja Católica em Niceia no ano 325.

Em pesquisa a registros de historiadores como: J. Isaac (1986), L. Poliakov (1979), A. Novinsky (1986), J. Daltroff (2017), E. Kaplan (2008), F. Raphael (2014) e R. P. Scheindlin (2003), observamos que a Igreja construiu uma relação de afastamento da tradição judaica que era sua raiz, primeiro isolando as comunidades judaicas e depois tentando convertê-las à força ao cristianismo. Aqueles que não se convertiam eram perseguidos e mortos. Durante séculos, esta estrutura de extermínio à tradição judaica se deu através de homilias antijudaicas e movimentos onde Império e Igreja se articularam dando lugar às Cruzadas e Inquisições.

³ Declaração *Nostra Aetate* completa e em várias línguas encontra-se disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html

São vários os registros de ações vindas de documentos conciliares como os de Niceia, em 325, que separava a Pascoa cristã da Pascoa judaica; a de Clermont em 1095, concílio não ecumênico, que proclamou a Primeira Cruzada e o Quarto Concílio de Latrão, em 1215, que criou a insígnia judaica que rotulava os judeus. Este rótulo mais tarde seria recuperado pelos nazistas como marca para os judeus que seriam isolados e mortos.

Foram dezesseis séculos entre o Concílio de Niceia e o Concílio Vaticano II. *Nostra Aetate* é resultado do 21º Concílio Ecumênico. Ele aconteceu após a Segunda Guerra Mundial e é consequência de um movimento que teve início após o Holocausto como reação a atitudes antisemitas que persistiam mesmo depois do povo judeu ter sido vitimado por tantas mortes e sofrimentos.

Em 1947, em Seelisberg, na Suíça, aconteceu a II Conferência Internacional sobre o antisemitismo onde se discutiram ações de combate. Reuniram-se judeus e cristãos, leigos e religiosos. Destacamos a participação do historiador judeu Jules Isaac, que havia perdido sua família durante o Holocausto; de Paul Démann, religioso da Congregação *Notre Dame* de Sion que havia ajudado a salvar famílias durante este período; do Cardeal Bea, religioso da Igreja Católica, dentre outros. O documento final desta Conferência é conhecido como *Os Dez Pontos de Seelisberg*.

Terminada a Conferência, os trabalhos para combate à catequese antijudaica da Igreja, um dos apontamentos da Conferência para combate ao antisemitismo, continuaram.

Em 1960, já sabendo-se que ocorreria um Concílio em breve, aconteceu um encontro entre Jules Isaac e o Papa João XXIII, quando o historiador entregou ao Papa toda a documentação de anos de estudos voltados ao combate ao antisemitismo e recebeu de João XXIII a promessa de que esta seria uma das pautas do Concílio.

No entanto, em 1963 Jules Isaac morreu. Mesmo ano em que morreu João XXIII. Papa Paulo VI foi quem deu sequência aos trabalhos referentes ao Concílio. Um outro importante nome deu continuidade à presença judaica na elaboração do artigo 4º da *Nostra Aetate*: o grande pensador judeu-polonês do século XX: Abraham Joshua Heschel.

Outra participação relevante foi a das religiosas da Congregação *Notre Dame de Sion*, ramo feminino da Congregação da qual fez parte Paul Démann, já citado anteriormente, que foi um dos participantes da Conferência de Seelisberg e que, posteriormente, fez parceria com Jules Isaac na busca de documentação que possibilitasse o entendimento da necessidade de alteração da catequese antijudaica da Igreja⁴. Estas religiosas, apesar de não

⁴ A participação de Paul Démann encontra-se registrada e disponível em: https://fr.wikipedia.org/wiki/Paul_D%C3%A9mann

poderem participar diretamente na votação da *Nostra Aetate*, fizeram um grande trabalho paralelo para que este documento fosse aprovado.

Estes são registros de vozes que fizeram por anos um grande e árduo trabalho para lembrar à Igreja do seu comum patrimônio com os judeus.

2.2 Trajetória pós *Nostra Aetate*

Na seção anterior, conseguimos estabelecer o diálogo do texto da *Nostra Aetate*, artigo 4º, com o passado. Nesta relação dialógica encontramos com algumas vozes que, segundo nossa análise, estavam silenciadas no texto.

Estas vozes, de acordo nossa pesquisa, continuaram a ecoar, produzindo textos que, em diálogo, se compõem ou se contrapõem uns aos outros. Como resultado temos uma rede textual que está sempre em movimento, ora se constituindo como ato responsável do sujeito agente do discurso, ora como ato responsivo, respondendo a outros textos com os quais dialoga.

Esta produção pode ser um parâmetro da importância da *Nostra Aetate* para a melhoria das relações entre cristãos e judeus, e pode ser avaliada pelas inúmeras reflexões a que deu origem. Entre estas, relacionamos algumas para exemplificar e para servirem de estímulo para pesquisas posteriores por parte do leitor interessado.

Como primeiro texto apresentamos *Orientações e sugestões para a aplicação da declaração conciliar Nostra Aetate*, elaboradas pela Comissão para as Relações Religiosas com o Judaísmo em 01 de dezembro de 1974.

Após registrar que a iniciativa para a aprovação da *Nostra Aetate* se pautou pela recordação das perseguições e das chacinas de judeus durante a era nazista, a Comissão propõe que as relações entre os católicos e os judeus se desenvolvam ao longo de quatro eixos: diálogo; liturgia; ensino e educação; ação social. No eixo do diálogo, é condição necessária o respeito pelo outro tal qual ele é, sobretudo o respeito da sua fé e de suas convicções religiosas; em suma, o respeito pela alteridade do Outro. Em especial, cabe aos cristãos reconhecerem sua parte de responsabilidade pela ocorrência de um passado deplorável, marcado por um clima de suspeição, e daí tirar as consequências para o futuro. No que diz respeito à liturgia, caberá reconhecer a existência de laços entre a liturgia cristã e a judaica. Disso decorre a necessidade de dar uma interpretação exata nas leituras litúrgicas, sobretudo quando se tratar de passagens que pareçam colocar o povo judeu sob uma luz desfavorável. No plano do ensino e educação, a Comissão alerta para o fato de que

a história do judaísmo não terminou com a destruição de Jerusalém, mas prosseguiu. Em consequência, deve-se procurar estimular a investigação sobre questões que dizem respeito ao judaísmo e às relações judaico-cristãs, em particular nos campos da exegese, da teologia, da história e da sociologia. Quanto à ação social, judeus e cristãos deverão, no espírito dos profetas, colaborar nos esforços em prol da justiça social e da paz.

Um outro texto apontado é *Memória e reconciliação: a Igreja e as culpas do passado* publicado pela Comissão Teológica Internacional em 2000.

Neste documento, que integralmente está disponível para acesso em nossas referências, temos uma ampla e profunda reflexão da Comissão Teológica da Igreja pautada em uma revisão da história da Igreja, iluminados pelas orientações do Concílio Vaticano II. A Comissão destinou o item 5.4 diretamente para as relações entre cristãos e judeus, atendendo às orientações propostas pela *Nostra Aetate*. Pautados na linha de que através da memória pode-se fazer justiça, a comissão reconhece em sua história desdobramentos marcantes nos destinos trágicos sofridos pelo povo judeu, segundo palavras retiradas do documento:

A Shoah foi certamente resultado de uma ideologia pagã, como era o nazismo, animada de um cruel antisemitismo, a qual não só desprezava a fé, mas também negava a própria dignidade humana do povo hebraico. Contudo, "deve-se perguntar se a perseguição do nazismo nos confrontos com os judeus não foi facilitada por preconceitos antijudaicos presentes nas mentes e corações de alguns cristãos [...]. Ofereceram os cristãos toda a assistência possível aos perseguidos e, em particular, aos judeus? (Vaticano II, Memória e reconciliação: a Igreja e as culpas do passado, 2000).

Enfim, este texto estabelece um diálogo explícito com a *Nostra Aetate*, formando parte de uma rede de interdiscursos.

O terceiro texto que apresentamos é *Dabru Emet – A Jewish Statement on Christians and Christianity*, que foi publicado em 10 de setembro de 2000 como anúncio de página inteira no New York Times. Como esclarecem os autores, a frase *Dabru Emet* vem do versículo “Eis o que deveis fazer: Falai cada qual somente a verdade a seu próximo; praticai justiça em verdade e paz em vossos portões” (Bíblia, 2018, Zacarias 8. 16, p. 1673).

Neste documento, resposta judaica à *Nostra Aetate*, ou, como alguns dizem, a *Nostra Aetate* judaica, afirma-se que é hora de os judeus aprenderem acerca dos esforços de cristãos para honrar o judaísmo. Acredita-se que chegou a hora para os judeus refletirem a respeito do que o judaísmo pode, agora, dizer a respeito do cristianismo. Os autores reconhecem que o nazismo não foi um fenômeno cristão, mas que a longa história de antijudaísmo cristão e de violência cristã contra os judeus instrumentalizou a ideologia nazi. Os autores

reconhecem a participação de muitos cristãos ou a simpatia destes com as atrocidades nazistas contra os judeus; não obstante, o documento sustenta que judeus e cristãos devem trabalhar juntos por justiça e paz.

Outro texto é um *Discurso do Papa João Paulo II ao Rabino-chefe de Roma* em 13 de fevereiro de 2003.

Nele, o Papa João Paulo II reforçou o compromisso com o diálogo inter-religioso, em especial entre católicos e judeus. Segundo o Papa João Paulo II (2003): “A visita de hoje permite-me realçar o profundo desejo que a Igreja católica sente de aprofundar os vínculos de amizade e de colaboração recíproca com a Comunidade judaica”.

Ele destacou a importância em se dar continuidade às relações construídas após o Vaticano II, enfatizando os laços históricos e espirituais entre as duas comunidades. Destacamos as palavras finais do Papa João Paulo II (2003): “Deus nos faça construtores de paz, conscientes de que quando o homem realiza a paz, se torna capaz de melhorar o mundo. Shalom!”. Este discurso é visto como emblemático na reafirmação de que a reconciliação e o reconhecimento do valor comum das tradições são centrais para a construção de um futuro de Paz.

Ainda elencamos *Os Doze pontos de Berlim – construindo a nova relação entre judeus e cristãos* – publicação do Conselho Internacional de Cristãos e suas organizações-membro, de julho de 2009.

A Conferência de Seelisberg, ocorrida na Suíça em 1946, terminou com a aprovação de um documento, os *Dez Pontos de Seelisberg*, que veio a ser fundamental para a inclusão da questão das relações entre cristãos e judeus na agenda do Concilio Vaticano II e, em decorrência, na aprovação da Declaração *Nostra Aetate*. O sucesso dessa iniciativa motivou os participantes da Conferência a criarem uma instituição permanente, o *Conselho Internacional de Cristãos e Judeus*.

Em 2009, os membros da Conferência se reuniram em Berlim para reconsiderar a história das relações entre cristãos e judeus, reunião na qual foi aprovado um novo documento, os *Doze Pontos de Berlim*, com a proposta básica de construir a nova relação entre judeus e cristãos. Este documento foi estruturado em doze pontos - ou metas -, agrupados em metas dirigidas aos cristãos, aos judeus e às duas comunidades em conjunto. Seu ponto de partida é o reconhecimento de que “somos herdeiros de uma história secular de alienação, hostilidade e conflitos, marcada por períodos de perseguição e violência contra os judeus numa Europa dominada pelos cristãos”.

Os pontos que fazem apelo às comunidades cristãs têm como tema a erradicação de todos os vestígios de desprezo para com os judeus, e consistem em:

- 1) Combater o antisemitismo de cunho religioso, racial ou de qualquer outra natureza, com ênfase em reconhecer a identidade profunda de Jesus como um judeu de seu tempo, buscar as riquezas espirituais da interpretação judaica das Escrituras e conscientizar os cristãos sobre as tradições persistentes do antijudaísmo cristão.
- 2) Promover o diálogo inter-religioso com os judeus, para o que é necessário compreender que o diálogo requer confiança e igualdade entre todos os participantes.
- 3) Desenvolver a compreensão teológica do judaísmo, afirmindo sua característica peculiar, que consiste em eliminar qualquer ensinamento que sustente que os cristãos substituíram os judeus como povo da Aliança com Deus.
- 4) Orar pela paz em Jerusalém, que passa por criticar os ataques ao sionismo quando estes se tornam expressão de antisemitismo.

Quanto aos apelos dirigidos aos judeus e às comunidades judaicas, os *Doze Pontos de Berlim* incluem:

- 5) Reconhecer os esforços realizados por numerosas comunidades cristãs no final do século XX para mudar sua atitude em relação aos judeus, para incluir informações básicas e corretas sobre o Cristianismo nos currículos das escolas judaicas, seminários rabínicos e programas de educação para adultos.
- 6) Reexaminar os textos e as liturgias judaicas à luz destas reformas cristãs, o que implica colocar os textos problemáticos em seu contexto histórico, principalmente os que foram escritos quando os judeus eram uma minoria sem poder, perseguida e humilhada.
- 7) Diferenciar entre a crítica imparcial a Israel e o antisemitismo, ou seja, ajudar os cristãos a compreenderem que, além da fé e das práticas religiosas, a identidade comunitária e a consciência de formar um povo fazem parte da autocompreensão judaica, fazendo com que a sobrevivência e a segurança do Estado de Israel tenham uma importância muito grande para a maior parte dos judeus.
- 8) Expressar apoio ao Estado de Israel em seus esforços para alcançar os ideais firmados na sua fundação, que Israel compartilha com muitas nações do mundo, visando a chegar a uma resolução justa e pacífica do conflito entre Israel e palestinos. Por fim, entre os apelos às comunidades judaicas, cristãs e outras, em conjunto, o documento relaciona:

- 9) Melhorar a educação inter-religiosa e intercultural, dando prioridade à eliminação de preconceitos em relação aos outros no processo educativo.
- 10) Promover a amizade e a cooperação entre as religiões, bem como a justiça social na sociedade globalizada, com atitudes como empenhar-se para garantir igualdade de direitos a todos, independente da religião, gênero ou opção sexual.
- 11) Intensificar o diálogo com entidades políticas e econômicas, dando início a discussões acerca da necessidade urgente de justiça na sociedade globalizada.
- 12) Criar uma rede de contatos com todos que trabalham em prol da preservação do meio ambiente, desenvolvendo a certeza de que todo ser humano é responsável pela preservação do planeta.

Acreditamos que *Os doze pontos de Berlim* representem, neste momento, a vanguarda dos esforços desenvolvidos em prol da amizade, reconhecimento mútuo e cooperação entre cristãos e judeus em todo o mundo, culminação da memorável campanha iniciada por Jules Isaac.

Dando continuidade, apontamos o artigo *Nostra Aetate após 50 anos: história, e não só memória, do Vaticano II* – escrito por Massimo Fagioli em 30 de outubro de 2015 e publicado em tradução na revista IHU on-line em 03 de novembro de 2015.

Fagioli, neste artigo, além de revisitar o passado das relações entre a Igreja Católica e o judaísmo, apresenta as implicações políticas do documento *Nostra Aetate*, destacando a evolução das relações entre cristãos e judeus e o impacto do documento sobre o diálogo com outras religiões. Em seu parecer, o autor abre a reflexão de que tal documento, além de impulsionar uma mudança doutrinal, abriu um canal diplomático e social da Igreja:

A Declaração anuncia uma mudança fundamental, bem diferente de ela receber uma corrente teológica que, então, influenciaria numa mudança. Em outras palavras, ela é um documento que abre as portas a um território não mapeado (Fagioli, 2015).

Ele comenta que em um movimento dialógico o texto da declaração não só abre a possibilidade de se revisitar o passado, como também propõe ações para o futuro. Enfim, o autor expande as propostas da declaração *Nostra Aetate* relacionando-as a possíveis debates teológicos e históricos sobre o legado do Concílio Vaticano II.

Trazemos também o artigo: *Passos do diálogo católico-judaico em documentos católicos desde a Nostra Aetate*, de Maria Teresa de Freitas Cardoso, publicado na revista *Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral* em 2017.

Nele, a autora apresenta vários documentos que sinalizam a continuidade da construção do diálogo interreligioso proposto pelo artigo 4º da *Nostra Aetate*. Cardoso aborda a evolução do diálogo entre católicos e judeus após o Concílio Vaticano II, trazendo os principais documentos e iniciativas papais nesta jornada. Ela discute a mudança teológica que o Concílio trouxe reconhecendo que a Aliança entre Deus e o povo judeu não foi revogada. A autora faz uma amostragem do fortalecimento das relações judaico-cristãs a partir de encontros interpessoais e eventos ecumênicos, os quais registrou:

o diálogo com o Comitê Judaico Internacional para Consultas Inter-religiosas, o diálogo do Comitê de Ligação Internacional Católico-Judaico e o diálogo com o Grão Rabinado de Israel e com grupos diversos. Em particular, o empenho dos últimos papas (Cardoso, 2017, p.599).

A autora conclui ressaltando a importância de a evangelização cristã respeitar a fé e a tradição judaica.

Para finalizar apresentamos *Is Dabru Emet the Jewish Nostra Aetate? Sic et Non* – artigo do rabino David Fox Sandmel em 23 de junho de 2021.

Passados vinte anos de sua publicação, o rabino David Fox Sandmel retorna à *Dabru Emet* – da qual ele foi um dos subscritores – para oferecer uma resposta à questão de se aquele texto poderia ser considerado como o equivalente judaico da *Nostra Aetate*. Em sua opinião: sim e não. Um primeiro ponto a destacar é o fato de que enquanto a *Nostra Aetate* é um documento magisterial da Igreja Católica Romana, *Dabru Emet* não é um documento oficial judaico, carecendo assim de qualquer autoridade institucional, mas apenas a opinião de seus autores, subscrita por um grupo interdenominacional de eruditos judeus. Outro aspecto que em sua opinião é relevante, é o fato de que as mudanças no cristianismo, às quais a *Dabru Emet* estava respondendo, não se limitavam à Igreja Católica Romana. Portanto, a comparação com a *Nostra Aetate* poderia obscurecer as importantes contribuições do mundo protestante, algumas das quais seriam anteriores ao Concílio Vaticano II. Continuam existindo, reconhece o rabino Sandmel, uma miríade de diferenças entre a Igreja Católica romana e a comunidade judaica. No entanto, assim como a *Nostra Aetate* veio a representar toda a reconsideração cristã pós-*Shoah* de suas relações com os judeus, também a *Dabru Emet* veio a representar a reconsideração judaica do cristianismo pós-*Shoah*.

Retornando à questão inicial, a resposta é *sim e não*. Existem diferenças essenciais entre os próprios documentos e entre as comunidades que os produziram. De qualquer

maneira, em conjunto vieram a epitomizar o diálogo que caracteriza as relações entre judeus e cristãos hoje em dia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passados 60 anos, é absolutamente inegável que a *Nostra Aetate*, fruto do novo espírito de tolerância que inspirou o Concílio Vaticano II, representa um poderoso e necessário ponto de inflexão nas relações entre cristãos e judeus, sinalizando uma mudança radical de rumo após séculos de opressão e violência a que os judeus foram submetidos pela cristandade.

A Comissão para as Relações Religiosas com o Judaísmo, em 1974, reconheceu que o Concílio Vaticano II indicou o caminho para a promoção de uma fraternidade profunda entre judeus e cristãos, mas refletiu e concluiu que ainda falta uma longa estrada a ser percorrida.

Tanto a declaração *Nostra Aetate* quanto os textos que dela decorreram, devem se tornar mais conhecidos por católicos e judeus, a começar por parte do clero que ainda não se apropriou dos documentos já existentes e, em suas homilias, dão continuidade à catequese antijudaica.

Apesar destas posições, sabe-se que em todo o mundo proliferam instituições de amizade cristã-judaica que se dedicam a promover o diálogo, a coexistência, a cooperação, a paz entre os dois grupos populacionais.

Muitos são os documentos que foram produzidos por várias destas instituições, posteriormente à *Nostra Aetate*, e que se juntaram a outros discursos, formando uma rede de interdiscursos. Quando vistos por nós, sob o olhar dialógico proposto por Mikhail Bakhtin, se percebe que a Igreja, ao voltar-se para o passado, reconhece suas culpas e busca engajar-se em diálogo com as vítimas.

É preciso, no entanto, que tais discursos sejam também entendidos como ato responsável e responsivo, saindo do espaço de onde são criados e entrando no espaço da ação para que possam operar reais transformações.

Neste sentido, este nosso artigo entra nesta rede de discursos, respondendo, em parte, ao texto da *Nostra Aetate* ao focalizá-lo, e abrindo espaço para que outros textos e reflexões possam ser desencadeados.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo. Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para Uma Filosofia Do Ato Responsável.** Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos. Pedro & João Editores, 2017.
- BÍBLIA. Tradução David Gorodovits e Jairo Fridlin. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2018.
- BORGES, Rosangela Ferreira de Carvalho; MIOTELLO, Valdemir.. **O Concílio Vaticano II como evento dialógico:** o pensamento de Mikhail Bakhtin e o discurso religioso na contemporaneidade, São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.
- BRAIT, Beth (org.). **BAKHTIN conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2020.
- BRAIT, Beth (org.). **BAKHTIN outros conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2018.
- CARDOSO, Maria Teresa de Freitas.. **Passos do diálogo católico-judaico:** em documentos católicos desde a *Nostra Aetate* (NA) Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 9, núm. 2, maio-agosto, 2017, p. 585- 604. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4497/449755239002.pdf>. Acesso em: 30 set. 204.
- COMISSÃO PARA AS RELAÇÕES RELIGIOSAS COM O JUDAÍSMO. **Orientações e sugestões para a aplicação da declaração conciliar *Nostra Aetate*.** Disponível em: <http://www.bibbiaparola.org/relazionebraicocristiane.php?a=1a&id=165>. Acesso em: 02 out. 2024.
- DALTROFF, Jean. **Les Ratisbonne :** à Strasbourg, Paris et Jérusalem au XIX siècle Regards croisés au début du XXI siècle. Bernardswiller : ID-L'Édition, 2017.
- GUILHERME, Maria Lúcia. 2023. Dissertação (mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8163/tde-22012024-160005/fr.php>. Acesso em: 01 out. 2014.
- INSTITUTE FOR CHRISTIAN & JEWISH STUDIES. **Dabru Emet:** A Jewish Statement on Christians and Christianity. Disponível em: <https://ccjr.us/dialogika-resources/documents-and-statements/jewish/dabru-emet>. Acesso em: 02 out. 2024.
- INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS: ***Nostra Aetate* após 50 anos:** História e não só memória, do Vaticano II. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/548516-nostra-aetate-apos-50-anos-historia-e-nao-so-memoria-do-vaticano-ii>. Acesso em: 30 set. 2024.
- INTERNATIONAL COUNCIL OF CHRISTIANS AND JEWS – ICCJ. **Os doze pontos de Berlim.** Disponível em: <http://teologiaon-line.blogspot.com/2011/05/os-doze-pontos-de-berlim.html>. Acesso em: 02 out. 2024.
- ISAAC, Jules. **Jesus e Israel.** São Paulo: Perspectiva S.A., 1986.
- KAPLAN, Edward K. **ABRAHAM HESCHEL** Un prophète pour notre temps. Paris: Albin Michel, 2008.
- NOVINSKY, Anita. **A inquisição.** São Paulo: Brasiliense S.A., 1986.
- POLIAKOV, Léon, **De Cristo aos Judeus Da Corte.** São Paulo : Perspectiva, 1979.

RAPHAEL, Freddy. **Les Juifs D'Alsace et de Lorraine de 1870 à nos jours.** Paris : Éditions Albin Michel, 2018.

RAPHAEL, Freddy. (org.). **Juifs d'Alsace au XX^e siècle.** Strasbourg : Éditions La Nuée Bleue/ Éditions du Quotidien, 2014.

SCHEINDLIN, Raymond P. **História Ilustrada do Povo Judeu.** Rio de Janeiro. Ediouro, 2003.

REVISTA PITIS & PRAXIS: **Passos do diálogo católico-judaico:** em documentos católicos desde a *Nostra Aetate* (NA). Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/4497/449755239002.pdf>. Acesso em: 30 set. 204.

SANDMEL, Fred. D., **DABRU EMET É O NOSTRA AETATE JUDEU? SIC ET NON.** Disponível em : <https://www.american-religion.org/dabruemet/sandmel>. Acesso em: 01 out. 2024

VATICAN ARCHIVE: **Documento *Nostra Aetate*.** Disponível em:

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html. Acesso em: 06 nov. 2023.

VATICAN ARCHIVE: **Discurso Papa João Paulo II ao Rabino chefe de Roma** em 2004. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2004/may/documents/hf_jp-ii_spe_20040523_rabbino-segni.html
Acesso em: 29 set. 2024.

VATICAN ARCHIVE: **Discurso Papa João Paulo II ao Rabino chefe de Roma em 2003.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2003/february/documents/hf_jp-ii_spe_20030213_rabbino-roma.html. Acesso em: 29 set. 2024.

VATICAN ARCHIVE: **Memória e Reconciliação:** A Igreja e as Culpas do Passado. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_h_doc_20000307_memory-reconc-itc_po.html. Acesso em: 30 set. 2024.

Contribuição na coautoria: *Concepção e planejamento do estudo: SK, MLG. Coleta, análise e interpretação dos dados: SK, MLG. Elaboração ou revisão do manuscrito: SK, MLG. Aprovação da versão final: SK, MLG. Responsabilidade pública pelo conteúdo do artigo: MLG*

Conflito de interesses: Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Recebido em: 03-10-2024.

Aprovado em: 30-10-2025.

Editor de seção: Moisés Sbardelotto